



## **A acumulação primitiva de capital na estruturação da economia colonial boliviana**

Bernardo Salgado Rodrigues <sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente artigo busca demonstrar como a acumulação primitiva de capital estruturou de maneira significativa a economia colonial boliviana, influenciando a construção e estruturação das cidades, da sociedade e da economia no período colonial. Concomitantemente, este processo propiciou a acumulação primitiva de capital por parte das metrópoles dos grandes centros de poder e riqueza da época em detrimento de suas colônias, constituindo uma parcela importante do complexo de fatores que resultaram no surgimento do capitalismo, na revolução industrial e na hegemonia da Europa no mundo inteiro.

**Palavras-chave:** acumulação primitiva de capital, América Latina colonial, Bolívia.

## **La acumulación primitiva de capital en la estructura de la economía colonial boliviana**

### **Resumen**

Este artículo busca demostrar cómo la acumulación primitiva de capital ha estructurado significativamente la economía colonial boliviana, influyendo en la construcción y estructura de las ciudades, de la sociedad y de la economía en el período colonial. Concomitantemente, este proceso condujo a la acumulación primitiva de capital por parte de las metrópolis de los grandes centros de poder y riqueza en ese momento, en detrimento de sus colonias, constituyendo una parte importante del complejo de factores que resultarían en el surgimiento del capitalismo, en la revolución industrial y en la hegemonía de Europa en el mundo eBolívaintero.

**Palabras-clave:** acumulación primitiva de capital, América Latina colonial, Bolívia.

## **The primitive accumulation of capital in the structure of the Bolivian colonial economy**

### **Abstract**

This paper demonstrates how the primitive accumulation of capital structured significantly the Bolivian colonial economy, influencing the construction and structuring of cities, society and the economy in the colonial period. At the same time, this process led to the primitive accumulation of capital by the metropolises of the great centers of power and wealth of the time at the expense of their colonies, constituting an important part of the complex factors that

<sup>1</sup> Doutor em Economia Política Internacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEPI/UFRJ), com pós-doutorado em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (PPGCM/ECEME) e em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (FAALC/UFMS). E-mail: bernardosalgado90@gmail.com

resulted in the emergence of capitalism, the industrial revolution and European hegemony worldwide.

**Key words:** primitive accumulation of capital, colonial Latin America, Bolivia.

## 1 Introdução

Na visão de Karl Marx no *Capital*, a acumulação primitiva é dada como a gênese histórica do capitalismo e o processo de criação das condições para a extração da mais-valia, consistindo num processo de acumulação de riquezas ocorrido na Europa entre os séculos XVI e XVIII que possibilitou as grandes transformações econômicas da Revolução Industrial.

A acumulação primitiva de capital foi possível a partir de uma grande concentração de recursos por um pequeno número de proprietários, concomitantemente com a formação de um grande contingente de indivíduos despossuídos de bens e obrigados a vender sua força de trabalho. Um dos fatores para que essa concentração fosse possível foi a descoberta do Novo Mundo no final do século XV e suas imensas riquezas. Assim, uma experiência enriquecedora para a análise do período é a Bolívia, uma vez que a extração da prata de seu território consistiu numa etapa importante para o processo de acumulação primitiva e posterior acumulação capitalista europeia. Cabe frisar ainda que a acumulação primitiva de capital nas colônias exerceu influência direta sobre a estruturação das recém formadas cidades coloniais.

Segundo Macleod (2012, p.390), um dos principais questionamentos seria qual o papel do influxo de metais preciosos americanos na criação de um sistema mundial europeu. Neste sentido, o presente trabalho visa refletir a hipótese de em que medida a estruturação da economia colonial e da prata boliviana seria uma variável independente do resultado da expansão europeia dos primeiros tempos, fornecendo os principais elementos para a transmissão de uma estrutura capitalista imposta pela Europa.

Consequentemente, objetiva-se fornecer elementos explicativos dessa correlação de forças endógenas com o complexo de fatores que resultaram no surgimento do capitalismo, na revolução industrial e na hegemonia da Europa no mundo inteiro. Em outros termos, busca-se demonstrar como a acumulação primitiva de capital europeia estruturou de maneira significativa a economia colonial boliviana (tendo a mineração como principal atividade econômica) ao influenciar a construção e estruturação das cidades e da sociedade no período colonial, ao mesmo tempo em que propiciou a acumulação primitiva de capital por parte dos grandes centros de poder e riqueza da época. Logo, focar-se-á na economia colonial boliviana e em como a acumulação primitiva – na visão do explorado – ocorreu na Bolívia,

apresentando a realização e os elementos concretos da acumulação, extração e exploração.

## 2 Acumulação primitiva de capital

A acumulação primitiva de capital é tratada como a gênese do modo de produção capitalista, como elemento que tornou possível a ascensão desse sistema. Parte desse processo possui relação intrínseca com o sistema colonial a partir do século XVI, que muito contribuiu com diversos fatores. Há de se ressaltar a importância da expansão marítima para o processo de acumulação primitiva de capital na Europa, uma vez que novas fronteiras físicas foram superadas e novos territórios explorados, onde a imposição dos valores europeus – tanto econômicos como culturais – prevaleceu nas antigas civilizações outrora existentes nesses novos territórios descobertos.

Na visão de Maurice Dobb (1976, p.220), o sentido da noção de acumulação primitiva anterior ao da produção capitalista deveria ser interpretado, em primeiro lugar,

[...] como uma acumulação de valores de capital – de títulos a bens existentes e que se acumulam primordialmente para fins de especulação – e, em segundo, como acumulação em mãos de uma classe que, por virtude de sua posição especial na sociedade, é capaz de transformar esses títulos guardados em meios reais de produção.

Atenta-se que é algo mais do que uma simples transferência de títulos de riqueza para as mãos da classe burguesa, “mas uma concentração da posse da riqueza em mãos muito menos numerosas”. (DOBB, 1976, p.221) Não era simplesmente transferência de propriedade de uma classe antiga para uma nova, mas a transferência da propriedade dos pequenos donos para a burguesia em ascensão e a pauperização dos despossuídos de bens.

O próprio autor aponta a influência na história da acumulação do aumento da quantidade de metais preciosos no século XVI, assim como a inflação de preços resultantes dessa entrada, sendo inclusive um fator poderoso para facilitar a transferência da terra para a burguesia. Para ele, para que no início se pudesse investir na indústria, dever-se-ia possuir como requisitos básicos reservas abundantes em mão-de-obra e acesso fácil a suprimentos de matérias-primas, juntamente com a produção de ferramentas e maquinaria. “Sem essas condições, o investimento industrial teria inevitavelmente sido frustrado e detido qualquer progresso maior, por mais esplêndidas que se tivessem tornado a riqueza e a posição da burguesia anteriormente.” (DOBB, 1976, p. 226)

Assim, em sua análise, Dobb (1976, p. 257) coloca que o sistema mercantil se

estabeleceu como um sistema de exploração “regulamentada pelo Estado e executada através do comércio, que desempenhou um papel importantíssimo na adolescência da indústria capitalista, sendo essencialmente a política econômica de uma era de acumulação primitiva.”

Dentre os autores e pensadores, o que mais se deteve na temática da acumulação primitiva de capital foi o alemão Karl Marx. Para ele, a acumulação primitiva não decorre do modo de produção capitalista, mas constitui o seu próprio ponto de partida. Há no “pecado original da economia” uma grande massa à venda para uma elite que tinha como mote o acúmulo de riquezas. Assim, expõe sua teoria afirmando que:

[...] estabelecidos esses dois pólos de mercado, ficam dadas as condições básicas da produção capitalista. (...) O processo que cria o sistema capitalista consiste apenas no processo que retira do trabalhador a propriedade de seus meios de trabalho, um processo que transforma em capital os meios sociais de subsistência e os de produção e converte em assalariados os produtores diretos. A chamada acumulação primitiva é apenas o processo histórico que dissocia o trabalhador dos meios de produção. É considerada primitiva porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção capitalista. (MARX, 2008, p.828)

Esse processo que produz o assalariado e o capitalista possui raízes na sujeição do trabalhador, onde o progresso consistiu na transformação dessa sujeição da exploração feudal para a exploração capitalista que, inclusive, também ocorreu na colônia. A expropriação do produtor rural que fica privado de suas terras; as consequências da Revolução Agrícola para a indústria através da liberação dos trabalhadores rurais em benefício do capitalista industrial, criando inclusive mercado interno; as leis contra os expropriados com redução dos salários; a criação de um proletariado sem direitos mínimos que garantissem sua sobrevivência; o aumento do grau de exploração; são todos elementos que constituem as bases desse novo tipo de opressão.

Assim, a gênese do capital industrial é possível a partir do momento em que o capital dinheiro formado pelo comércio – a priori impedido de se transformar em capital industrial pelo sistema feudal no campo e pela organização corporativa na cidade – rompe as barreiras que lhe são impostas a partir da dissolução das vassalagens feudais, com a expropriação e expulsão parcial das populações rurais. Com isso, as novas manufaturas instalam-se nos portos marítimos ligados ao comércio de exportação ou locais fora do controle do velho sistema urbano.

Neste contexto, a América possui um papel fundamental para a formação desse tipo de capital, onde:

[...] as descobertas de ouro e de prata na América, o extermínio, a escravização das populações indígenas, forçadas a trabalhar no interior das minas, (...) são os acontecimentos que marcam os albores da era da produção capitalista. Esses processos idílicos são fatores fundamentais da acumulação primitiva. (MARX, 2008, p.864)

Logo, os diferentes modos de impulsão da acumulação primitiva nos diferentes países como Espanha, Portugal, Holanda, França e Inglaterra são coordenados a partir de vários sistemas, como o colonial, o das dívidas públicas, regime tributário e protecionismo, todos baseados numa violência brutal – principalmente o do sistema colonial, no qual o tratamento desumano que se dava aos nativos onde o comércio de exportação era prioridade estava relacionado com o processo que germinaria esse novo modo de produção, onde “não se desmentia o espírito cristão da acumulação primitiva” (MARX, 2008, p. 866) – que utilizavam o poder do Estado para ativar artificialmente o processo de transformação do modo feudal para o modo capitalista. “A força é o parteiro de toda sociedade velha que traz uma nova em suas entranhas. Ela mesma é uma potência econômica.” (MARX, 2008, p. 864)

O sistema colonial, dessa maneira, fez com que prosperasse o comércio e a navegação, onde as sociedades que possuíam o monopólio eram poderosas alavancas de concentração de capital. “A colônias asseguravam mercado às manufaturas em expansão e, graças ao monopólio, uma acumulação acelerada. As riquezas apesadas fora da Europa pela pilhagem, escravização e massacre refluíam para a metrópole, onde se transformavam em capital.” (MARX, 2008, p. 867) Assim, o papel preponderante que o sistema colonial desempenhava para a acumulação primitiva nesse período foi um salto tanto quantitativo quanto qualitativo fundamental para se compreender a gênese do modo de produção capitalista.

É nesse sentido que o metalismo é compreendido como um sistema que aconselhava o Estado a possuir metais preciosos como ouro e prata com a finalidade de alcançar a estabilidade econômica e mensurar a riqueza de uma nação. Consequentemente, a prata e outros metais extraídos da América serviram para expandir o ritmo comercial monetário mercantil, possibilitando que as novas mercadorias na América circulassem com um equivalente monetário que era extraído a níveis estratosféricos. A contribuição da realização deste processo na América, portanto, é que a transferência e acumulação deste valor, dado através da expressão metalista, possibilita ao capital se expandir em ritmo, frequência e área.

Complementarmente, o sistema de crédito público, de dívida pública, surgido na Idade Média em Gênova e Veneza, também possuía papel fundamental, alastrando-se por toda a Europa no período manufatureiro, no qual o sistema colonial a partir do comércio marítimo e das guerras comerciais o impulsionava. A dívida do Estado, portanto, imprime sua marca à era

capitalista; converte-se numa das alavancas mais poderosas da acumulação primitiva<sup>2</sup>.

Da mesma forma o moderno sistema tributário tornou-se um complemento indispensável do sistema de empréstimos nacionais, onde os empréstimos capacitam o governo a enfrentar despesas, mas acabam levando o governo a aumentar os impostos; o regime fiscal moderno se pauta nos impostos, no qual “a tributação excessiva não é um incidente; é um princípio.” (MARX, 2008, p. 870) Do mesmo modo, o sistema protecionista consistia num meio artificial de “fabricar fabricantes, de expropriar trabalhadores independentes, de capitalizar meios de produção e meios de subsistência, de encurtar a transição do velho modo de produção para o moderno.” (MARX, 2008, p. 870)

Em suma, Marx afirma que o surgimento do modo de produção capitalista supõe um amplo período de acumulação primitiva. Nele, a ação dos capitais comercial e financeiro – e em particular sua articulação com o Estado – é fundamental para gerar as condições necessárias para transformar a força de trabalho e a terra em mercadorias e concentrar recursos para o investimento industrial.

Assim, a acumulação primitiva pode ser sucintamente compreendida como um movimento que antecede o capitalismo industrial, não sendo resultado do modo de produção capitalista, mas sim o ponto de partida da transição do processo de criação das condições para a extração da mais-valia que culmina no colapso das relações feudais. Assim, a “pré-história” do capital se realiza através de uma série de métodos que culminam na acumulação primitiva de capital por parte dos países europeus.

### **3 Economia colonial boliviana**

#### *3.1 Político*

As economias coloniais – inclusive e principalmente a boliviana – não estavam descoladas dos interesses do além mar, consistindo fundamentalmente na exploração e extração do ouro e da prata – e, com isso, na ulterior acumulação primitiva de capital que nortearia, materialmente, a própria expansão do capital. Assim a exploração de rotas comerciais lucrativas era o objetivo até o século XVI, não tendo tanta importância em si o território para exploração pura e simples; este cenário se modifica com as descobertas das

<sup>2</sup> “Como uma varinha de condão, ela dota o dinheiro de capacidade criadora, transformando-o assim em capital, sem ser necessário que seu dono se exponha aos aborrecimentos e risco inseparáveis das aplicações industriais e mesmo usurárias. (...) A dívida pública criou uma classe de capitalistas ociosos, enriqueceu, de improviso, os agentes financeiros que servem de intermediários entre o governo e a nação. As parcelas de sua emissão adquiridas pelos arrematantes de impostos, comerciantes e fabricantes particulares lhes proporcionou o serviço de um capital caído do céu.” (MARX, 2008, p. 868)

grandes reservas de ouro e prata principalmente nos territórios da Bolívia, México, Peru e posteriormente no Brasil.

A Espanha começa a corrida colonial na América com a exploração de ouro e prata através das conquistas dos impérios inca e asteca. Sua estruturação política pode ser evidenciada no começo do século XVI, com a criação dos vice-reinos e audiencias. No que se refere a este último, dez foram estabelecidas no Novo Mundo, no qual a de Charcas, em 1559, no vice-reino do Peru corresponde ao espaço no qual atualmente se encontra o território boliviano, ainda que atualmente tenha incorporado outras regiões.

A região de Charcas manteve-se relativamente negligenciada até 1545. Naquele ano, os mineiros da cidade de Porco descobriram uma das mais ricas veias de prata do continente, que se tornaria conhecida como Potosí, mais precisamente a montanha de Cerro Rico. Uma expedição foi mandada para a região de Charcas em 1548, que garantiu a estrada Chuquisaca-Potosí-Cuzco, com a criação crucial da cidade de La Paz no coração da região, no qual se tornou tanto um importante centro comercial e de troca como uma grande cidade do mercado agrícola.

Within the settled Charcas territory the primary orientation was thus north and south. With the mining center at Potosí becoming one of the primary reasons for the Spanish presence in the Charcas region, the supplying of those mines with animals and equipment became the reason for existence of the northeastern Argentine towns. At the same time, Chuquisaca became Potosí's administrative headquarters and its nearest agricultural supply center. La Paz both served Potosí as its major linkup city on the road to Arequipa, Cuzco, and Lima – and thence by sea to Spain – and itself became a major provisioning center of laborers and goods for the mines. (KLEIN, 2011, p.33)

Com o estabelecimento das fronteiras e das cidades do interior, o crescimento da indústria da mina de prata e a integração do mercado agrícola possibilita uma continuidade na novidade deste processo. Não há uma troca, mas sim uma violência inicial, com a cooptação e a dominação do capital. Há uma produção colonial com a mão-de-obra indígena e preservando certas características comunais – porém para a produção de valor. A região de Charcas se tornou um dos centros mais ricos do novo império espanhol na América na medida em que as minas foram rapidamente reconhecidas como a principal fonte de prata nas Américas. “Thus, the Crown was forced to establish a viable and semi-autonomous government to control the destiny of this region and guarantee its adherence to the empire.” (KLEIN, 2011, p.40)

Desta maneira, foi instaurado um controle político hierárquico; os vice-reis governadores e as *audiencias* formaram o nível mais alto da administração secular na

América, sendo subdivididas em áreas menores quanto à sua jurisdição, os *corregimientos*, que eram basicamente grandes distritos com um centro urbano. Assim, cada vila tinha seu próprio conselho, ou *cabildo*, uma corporação que regulava a vida dos habitantes e fiscalizava as propriedades públicas, de onde derivava grande parte de sua renda. Os *cabildos* se tornaram oligarquias constituídas pelos cidadãos mais abastados que se autoperpetuavam no poder. (ELLIOTT, 2012, p. 293-295)

Assim, o interesse da coroa espanhola nesta nova fonte de acumulação de riqueza fez com que uma estruturação política fosse realizada no Novo Mundo. No território no qual atualmente corresponde à Bolívia, cerca de seis grandes cidades coloniais (Potosí, La Paz, Chuquisaca, Cochabamba, Santa Cruz e Tarija) foram estrategicamente localizadas para controle das zonas econômicas e que influenciaram de forma decisiva a estruturação da economia e sociedade colonial boliviana ao longo de séculos, como afirma Klein (2011, p.47): “but all of these plans conceived of Charcas, or Upper Peru, as essentially a dual social, economic, and political system.”

### 3.2 Econômico

A economia colonial boliviana se estabeleceu a partir das características da colonização europeia no continente americano, onde a partir do século XVI a coerção do trabalho de seus nativos através da servidão, a extração de minerais, a concentração da propriedade, a pobreza, a exclusão, a discriminação social, o autoritarismo, a dependência e a subserviência externa consistiram nos elementos principais desse modelo.

Um dos meios mais importantes de extração de riqueza e acumulação de capital da economia colonial boliviana foi a tributação. Durante quase todo o período colonial a principal taxa cobrada das classes inferiores foi o tributo, um imposto per capita cobrado quase que inteiramente dos índios em sinal de sua condição de súdito. Quase toda a população hispânica nas Índias não pagava tributo e, dessa forma, desfrutava de uma posição aristocrática em relação à população indígena tributária. No vice-reino do Peru, o tributo passou a ser universal e foi regulamentado e padronizado durante a gestão do vice-rei Francisco de Toledo (1569-1581), tornando-se um componente importante do governo e da administração colonial espanhola, não desaparecendo das montanhas bolivianas antes da década de 1880. (MACLEOD, 2008, p.238)

This apparent rationalization of the tax structure ultimately proved to be a

major weapon forcing the Indians to integrate into the Spanish economy. Because currency could be obtained only by selling goods on the Spanish markets where money was exchanged for goods and services, Indians had to supply either goods demanded by the Spanish or their labor for wages on that market. In the end, they did both things. (KLEIN, 2011, p. 37)

No Novo Mundo, a reivindicação do quinhão de todo butim dos metais preciosos recebeu o nome de *quinto real*, tornando-se um imposto de um quinto sobre a produção de pedras preciosas, pérolas, ouro e, sobretudo, prata, no qual a facilidade da cobrança era maior nas grandes minas ou naquelas que usavam amálgama de mercúrio na fundição, ambos os casos para Potosí.

A política tributária espanhola tinha como propósito introduzir a economia andina cada vez mais ao mercado europeu, exigindo que fosse pago em dinheiro e assim obrigando os índios a vender seus produtos ou alugar seu trabalho em troca de moeda. Entretanto, os tributos enviados à Espanha tinham de ser transformados em bens transportáveis, de preferência prata ou moeda, antes de ser enviadas à frota. Logo, a cunhagem teve início no Novo Mundo em 1535 e durante a maior parte do período as colônias produziram suas próprias moedas, no qual “a large part of the Indian peasant population was forced to enter the monetary market created by the Spaniards. Thus, the need for specie to pay royal taxes proved a major factor in integrating the dual markets developing in the Charcas region.” (KLEIN, 2011, p.37)

Tal fato não excluía a adulteração, falsificação e desbaste das moedas, onde no vice-reino do Peru a adulteração da prata com estanho e chumbo era anterior à conquista. A escassez de moedas e sua não-confiabilidade provocaram problemas de convertibilidade, fazendo com que a moeda corrente e a cunhagem constituíssem um problema durante todo o período colonial espanhol. A boa moeda, dessa forma, era entesourada ou exportada, de modo que as moedas suspeitas, ou *perulero*, eram as mais comuns na América. (MACLEOD, 2008, p.267):

“Em épocas de grande escassez de moedas, o escambo e a moeda substitutiva retornavam, as rotas comerciais se encurtavam devido à carência de um veículo combinado de troca, e a confiança do mercado soçobrava. Quando a moeda boa, que desfrutava da confiança dos comerciantes, era relativamente abundante, o comércio de longa distância se expandia e mesmo as trocas locais eram mais rápidas e mais fáceis. (MACLEOD, 2008, p.268)

No que tange as trocas, a distribuição dos gêneros básicos nas principais cidades era compartilhada por uma mentalidade que favorecia o monopólio e os gargalos comerciais, uma vez que a competição era excluía e a manutenção dos produtos fora do mercado – a fim de

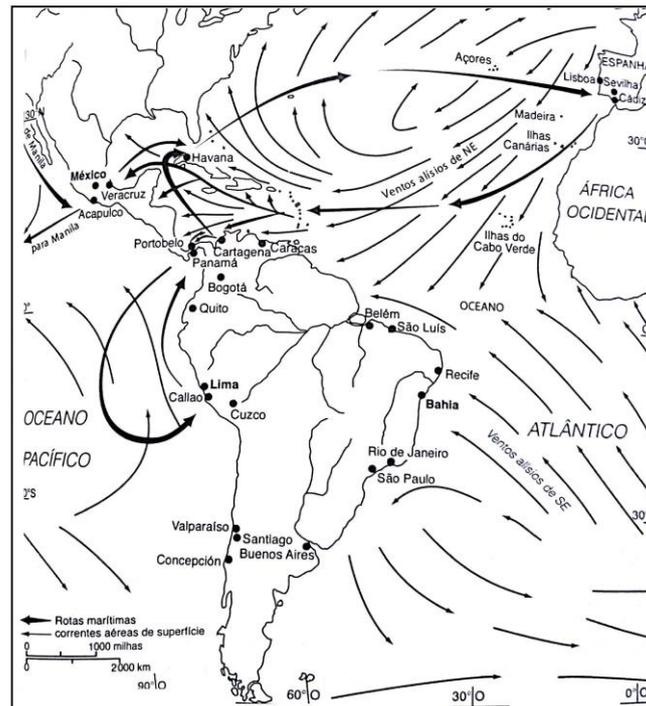
e elevar seus preços com a escassez – era realizado. As próprias autoridades estabeleciam monopólios ou leiloavam a permissão de monopolizar. Os armazéns do governo se chamavam *pósito* ou *alhóndigas*, que começaram no final do século XVI e início do XVII funcionando de modo intermitente durante as épocas de escassez, confiscando e retendo as ofertas de milho que os índios traziam para a cidade para pagamento do tributo, e depois redistribuindo-o aos preços fixados nos principais mercados da cidade, controlando o lucro dos intermediários e dos especuladores monopolistas. (MACLEOD, 2008, p.256)

No que tange os fluxos comerciais com o exterior, na *carrera de Indias* – como foi denominado a ligação marítima entre a Espanha e a América – o comércio transportado foi um fator econômico, social e cultural. As frotas vindas da América levavam para a Europa milho, batata, açúcar, tabaco, além de ouro e prata; no sentido inverso, a Europa enviava pessoas, bens manufaturados, trigo, porcos, carneiros e gado, que exerceram grandes impactos sobre a dieta e a paisagem americanas. (MACLEOD, 2012, p.339) As próprias rotas usualmente utilizadas pelos espanhóis foram fatores de grande importância no desenvolvimento e localização dos portos espanhóis nas Índias, assim como no estímulo ou inibição de zonas e produtos econômicos nas possessões espanholas. (MACLEOD, 2012, p.342)

Logo, a *carrera* foi a base da:

[...] exportação durante os primeiros dois séculos de domínio espanhol, e suas necessidades impuseram à América espanhola uma estrutura de comunicação na qual todas as principais rotas conduziam das cidades, regiões agrícolas e galerias de mina para o porto marítimo. As áreas produtivas dentro de cada território colonial não precisavam estar interligadas. De fato, isso era mesmo desestimulado. (MACLEOD, 2012, p.389)

Uma vez que um dos principais pontos de riqueza demográfica, agrícola e principalmente mineral do que viria a ser a América espanhola se concentrava nos Andes Centrais, a região teve em Lima sua capital e um dos centros do império colonial espanhol, sendo importantes ligá-la aos centros comerciais da Espanha, como Sevilha. Assim, “Lima e seu porto de Callao estavam conectados ao mar dos Caraíbas e a Sevilha pelo istmo do Panamá” (MACLEOD, 2012, p.351), onde seria o local mais lógico para o comércio via mar dos Caraíbas com a costa da América do Sul no Pacífico, sendo necessária inclusive a defesa desta conexão vital para o sistema colonial espanhol; dessa maneira, Cartagena era o porto principal da costa norte de Tierra Firme e do interior de Nova Granada, que servia de base e ponto de reabastecimento para o percurso até o Panamá. (MACLEOD, 2012, p.352)

**Figura 1 – Espanha e a América: rotas marítimas**

Fonte: MACLEOD, 2012.

A prata era suficientemente valiosa para criar um pequeno sistema autônomo de frotas; assim, a prata e as frotas estimularam o crescimento de uma indústria de embarque na costa do Pacífico e no mar dos Caraíbas. De modo geral, a economia espanhola diversificou-se mais, levando escravos indígenas, corantes e algodão ao Callao. Em troca enviava-se a prata, parte dela para as frotas que seguiam para a Espanha, e parte para pagar os comerciantes de Manila e do México. “Uma vez por ano era enviada uma frota protegida de Callao ao Panamá, de onde era transportada através do istmo por *recuas* de mulas até Nombre de Dios, e depois até Portobelo, onde encontrava as frotas provenientes de Sevilha” (MACLEOD, 2012, p.370)

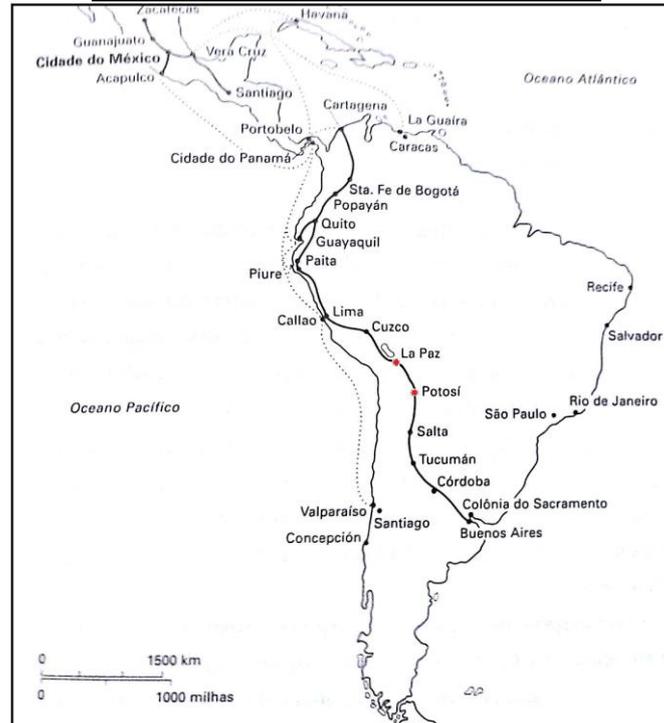
A grande era das frotas espanholas teve início com a mineração de prata em larga escala, alcançando seu apogeu por volta de 1570-80, sendo as *remesas* oficiais de prata tendo atingido seu ápice em 1595. Evidentemente, o destino do metal eram os navios que voltavam à Espanha.

For Charcas, the growth of Potosí in the late sixteenth century was even more traumatic than it was for Europe. The location of Potosí in the center of the Upper Peruvian region in an arid and poor agricultural and grazing zone meant that everything used in mining, from the food and tools to the animals and labor, had to be imported. With its mines so far from the sea, it was also necessary to develop a complex communication system to supply both the European imports and export the finished silver. Thus, the backward linkages between this export sector and the local regional and international markets

were extensive. The growth of the town of Potosí and its silver industry was to be felt from northern Argentina to southern Peru, as one vast economic supply area was integrated into the Potosí market. Equally, the merchants, traders, and shippers from Lima, Arequipa, Cuzco, and La Paz came to play a vital role in linking the mines of Potosí and its satellite elite of Chuquisaca to the outside world. (KLEIN, 2011, p. 51)

A partir de meados dos anos 1630, o comércio inter-regional nas colônias começa a decair. Um dos fatores principais foi a pirataria, no qual era intangível cobrir uma área tão vasta de um comércio que despertava interesse de outras potências; da mesma forma, a transposição do comércio “dos porões dos navios para o lombo das mulas” era mais lenta e mais cara, levando-se em consideração a geografia e o clima da América espanhola. (MACLEOD, 2012) Outro fator primordial foi a falta de moeda circulante, uma escassez de metal cunhado nas colônias. Entre 1640 e 1680, o paradeiro da prata produzida principalmente em Potosí era desconhecido; ainda na primeira parte do século, grandes quantidades de prata ficavam retidas no Novo Mundo. No entanto, esses estoques de moeda já haviam desaparecido por volta de 1650. Uma dedução lógica seria que “embora a *carrera* tivesse decaído, a coroa recolhia sua parte e seus tributos com notável eficiência, dadas as condições da época, e é muito provável que uma alta proporção da produção global da prata, mais alta do que acreditamos, estivesse sendo escoada para a Espanha.” (MACLEOD, 2012, p.376)

No âmbito do comércio interno, as cidades maiores e as concentrações de populações rurais próximas abasteciam os mercados para o comércio hispano-americano colonial de longa distância com artigos não perecíveis ou perecíveis com tempo de vida mais longo; esses comércios de longa distância, as rotas comerciais e as redes burocráticas que moviam os detentores de cargo de um lugar para outro eram os únicos laços reais que davam unidade ao império americano. Dessa maneira, a cidade do México, Lima e Potosí foram os centros econômicos dominantes na maior parte do período colonial, “imãs que atraíam e seguravam grandes e às vezes distantes regiões de captação.” (MACLEOD, 2008, p.258) Na segunda metade do século XVIII, Buenos Aires, Caracas e Havana passaram a constituir principais centros urbanos, em grande medida devido às novas matérias-primas e produtos como o açúcar, o fumo e produtos animais que se tornaram itens de exportação para a Europa, assim como por conta do ajustamento da economia colonial no período.

**Figura 2 – Rotas de comércio interno**

Fonte: MACLEOD, 2008 (adaptado).

Durante grande parte do período colonial, o eixo colonial de todas as rotas estendia-se de Potosí a Lima-Callao, passando por La Paz e Cuzco, chegando por mar à costa do Panamá e Acapulco, para finalmente chegar até a Cidade do México, onde “as mercadorias viajavam mais no rumo sul que no norte, e os metais preciosos mais no rumo norte que no sul.” (MACLEOD, 2008, p. 259) As distâncias deste eixo colonial e a atratividade de seus principais mercados e principal produto, a prata, estimularam o crescimento das especializações regionais. No caso específico de Potosí, que produzia pouca coisa e só podia oferecer pastagem para algumas ovelhas e camelóides devido a seu planalto árido, os vales de Cochabamba e Sucre passaram a ser os seus celeiros; as *obrajes* em volta de Quito, que dependiam de grandes rebanhos de ovelhas que abasteciam Potosí; o estímulo a construção de navios por conta do principal eixo entre México, Acapulco e Callao com seu ramal em Potosí, fazendo de Guayaquil um estaleiro importante graças a suas ofertas de madeira de lei e de resina; em suma, a mineração em Potosí engendrou a formação de cidades em seu entorno e a própria formação da mão-de-obra, uma vez que a mina era a cidade, a mina era o campo, a mina era a urbanização e a campenização.

Ainda na relação de Potosí com sua vizinhança, um ramal sul importante do eixo da prata era o que descia através de Salta, Tucumán e Córdoba até Buenos Aires e o depósito

português de contrabando em Colônia de Sacramento, sendo a “ilegal porta dos fundos para Potosí, uma rota clandestina e mais curta para quem vem da Europa do que a rota legal via Panamá e Callao” (MACLEOD, 2008, p.261).

O maior produto de importação mundial era a prata, que viajava ilegalmente na outra direção. De Buenos Aires a prata de Potosí era passada aos comerciantes de Colônia de Sacramento e do Rio de Janeiro, e daí seguia não só para Lisboa, mas também diretamente para a Índia e a China portuguesas, onde financiavam a difusão da penetração ocidental nesses locais. (MACLEOD, 2008, p.262)

Os comerciantes de Lima opunham-se a uma forte economia regional Buenos Aires-Tucumán que ameaçava sua ascendência comercial sobre o Alto Peru. Pouco a pouco, no entanto, o norte da Argentina, Charcas e até o Chile escaparam ao controle comercial de Lima. O fato era que Buenos Aires era um porto mais viável do que Lima-Callao. Não havia necessidade no local do dispendioso sistema de frota; poucos piratas atacavam navios, e poucas algas marinhas obstruíam as quilhas naquela latitude; os embarques por terra a partir de Buenos Aires eram mais baratos e menos incômodos dos que pelo Panamá; o contrabando era menos controlado em Buenos Aires, e os *porteños* podiam pagar com a prata que haviam sonogado ao quinto real. (MORSE, 2008, p. 86)

Em 1776, a Coroa decidiu o crescente conflito entre Buenos Aires e Lima para o controle sobre o comércio de Potosí em favor do primeiro. Os governos do Alto Peru e a Audiencia foram colocadas sob o controle direto de Buenos Aires, que agora se tornou um novo e independente vice-reinado. Em 1778, esse controle foi reforçado quando a maior parte das restrições comerciais para o vice-reinado de Buenos Aires foram removidas. Estas decisões políticas foram cruciais para mudar a preponderância de Potosí no comércio da direção norte para a direção sul.

The reorganization of the economic space of Upper Peru and its connections to the outer world meant a consequent decline of Lima. No longer did Lima merchants hold a monopoly over Charcas's trade with Europe, nor was it any longer its single major source of capital. This decline in trade dominance to their mining hinterland brought in a long-term decay of Lima's economic power. This decay, in turn, allowed the growth of alternative regional centers of economic power. The most powerful of the new centers was, of course, Buenos Aires. (KLEIN, 2011, p. 69)

Em 1790, a Casa de Contratação de Sevilha é abolida, fazendo com que Cádiz e Sevilha perdessem o monopólio do comércio com as colônias americanas, iniciando-se um livre intercâmbio comercial com os diversos portos e cidades da Espanha e as colônias, aumentando o desenvolvimento comercial interno do império americano a tal ponto que

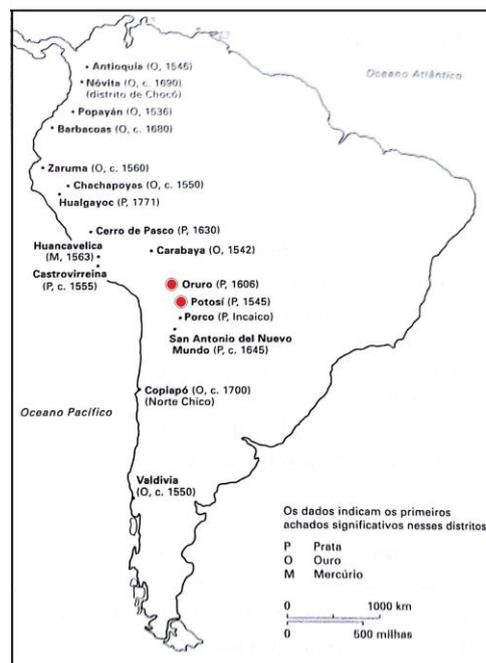
“entre 1778 e 1788, o valor total do comércio com as Índias aumentou em 700%.” (RAMOS, 2012, p.119)

Constata-se assim que durante o período colonial, a economia dos Charcas somente se desenvolvia a partir das necessidades e interesses comerciais, financeiros e fiscais impostos pela metrópole espanhola, sob um rígido sistema de monopólio mercantil oriundo do pacto colonial, impedindo o acesso dos estrangeiros aos recursos bolivianos e restringindo todo tráfico com a colônia boliviana ao comércio e manufaturas espanholas.

### *3.3 Mineração*

A procura da prata levou os espanhóis a todos os cantos da América, contribuindo bastante para a impressionante rapidez com que exploraram e colonizaram sua porção do continente. Em 1538, Gonzalo Pizarro explorou as velhas jazidas incas de prata em Porco. Em 1545, o filão de prata mais rico de todos foi descoberto nas proximidades de Potosí, seguido por muitos achados menores em Charcas.

À medida que os distritos ricos começaram a crescer sua produção de metal, vilas em regiões inóspitas cresceram conjuntamente. As estradas e o comércio expandiram-se rapidamente concomitantemente ao desenvolvimento dos novos circuitos econômicos, energizados pela mineração. “Pouquíssimas regiões de grande porte escaparam à influência dos fluxos de metal precioso.” (BAKEWELL, 2008, p. 103).

**Figura 3 – Principais distritos mineiros da América do Sul**

Fonte: MACLEOD, 2008 (adaptado).

No que tange ao processo de mineração em si, para eliminar o material inútil que o acompanhava, o minério de prata era fragmentado/triturado na mina, onde o concentrado resultante era processado por amalgamação<sup>3</sup> numa casa de fundição que constituía uma instalação complexa agregadas às vilas mineiras, no qual tiravam proveito da concentração dos serviços e suprimento, como mão-de-obra, operários especializados e alimentos. Em 1600, no seu apogeu, Potosí possuía cerca de 65 casas de fundição. (BAKEWELL, 2008, p. 108) Uma técnica de refino secundária era a fundição, no qual os espanhóis usaram inicialmente a tecnologia nativa nos Andes centrais, o famoso *wayra* (em quíchua: ar) dos Andes, onde toda a prata produzida em Potosí proveio de fornos desse tipo até o advento da amalgamação, em 1571. (BAKEWELL, 2008, p. 113)

O processamento do minério de prata requeria uma diversidade de matérias-primas, como o sal, matéria essencial para a amalgamação; as piritas, com as quais era preparado o *magistral*; o chumbo, necessário como fluxo para fundição; o ferro, usado na maquinaria e ocasionalmente como reagente na amalgamação; a madeira, como material básico para a

<sup>3</sup> Amalgamação: operação que consiste em ligar o mercúrio a outro metal ou separar o ouro e a prata da ganga, por meio do mercúrio. Este processo lento mas seguro sustentava o grande edifício da produção de prata, porque permitia o refinamento barato das grandes massas de minérios disponíveis na América espanhola, cuja extração ainda se fazia a custos pequenos. A eficiência absoluta dos processos coloniais de amalgamação – a proporção do teor total de prata no minério que eles realmente extraíam – é incomensurável. Não obstante, a capacidade essencial da amalgamação no processo de trabalho com grandes quantidades de minério inferior é fundamental para a época.

construção e o combustível; o carvão, para acender os fornos; a água, para a lavagem dos minérios refinados e como fonte de energia. Entretanto, a substância mais importante era o mercúrio, que provinha de uma fonte específica na América do Sul: Huancavelica, no planalto central do Peru. (BAKEWELL, 2008, p. 114-115)

A oferta de mercúrio atendeu à demanda da mineração de prata em dois dos três séculos coloniais. A coroa não só exerceu um controle bastante estrito sobre a produção e a distribuição do mercúrio, como também determinou o seu preço de venda. Nos Andes, o preço era consistentemente mais elevado, provavelmente devido aos altos custos do transporte das montanhas, apesar da relativa proximidade de Huancavelica em relação aos centros de prata, como Potosí. É interessante notar que a importância do mercúrio para o processamento da prata era tão grande que a própria produção do mercúrio, seu aumento ou diminuição, era diretamente proporcional à produção de prata.

A mineração pagava direitos substanciais diretamente à coroa, estimulava o comércio, produzia indiretamente impostos sobre as vendas e taxas alfandegárias, realizava o pagamento dos tributos indígenas em espécie, engendrava dinamismo a muitos setores da economia colonial; por esses fatores, os reis demonstravam interesse pelos destinos da mineração de prata, assim como demonstrava interesse direto na produção de mercúrio, monopolizando a sua distribuição e determinando seu preço de venda aos fundidores. (BAKEWELL, 2008, p. 130) Por lei, no século XVI, era reservada à coroa uma parte de qualquer veio de prata descoberto. Dessa forma, considerada em conjunto, havia a detenção por parte da coroa de três poderes estatutários sobre a mineração – “controle dos direitos, controle da distribuição e do preço do mercúrio e poder de atribuir ou remover a mão-de-obra recrutada”. (BAKEWELL, 2008, p. 131)

Com todos esses fatores, a produção mineira em Charcas a partir da segunda metade do século XVI foi um dos principais elementos econômicos da coroa. Até 1560, a quantidade de prata produzida em Charcas foi de 56.000.000 pesos (1 peso = 272 maravedís), equivalente a 6.400.000 marcos de prata (1 marco = 2.380 maravedís). (BAKEWELL, 2008, p. 138)

Muito desse crescimento se realizou devido a capacidade de reorganização da economia mineira realizada por Toledo. Num primeiro momento, esse crescimento foi baseado na extração de depósitos de superfície que tinha alto conteúdo de minério e foi facilmente refinado através de processos de fundição tradicionais pré-colombianas. Entretanto, na medida em que os depósitos de superfície se tornaram raros e a pureza do minério diminuiu, os custos de fundição se elevaram e a produtividade caiu. Assim, quando Toledo chegou ao altiplano na década de 1570, a economia estava em plena crise, com a

produção em declínio e a coroa preocupada em preservar este enorme recurso.

Toledo enfrentou o problema de Potosí em muitos aspectos. Em primeiro lugar, em 1572, introduziu o processo de amalgamação. Esta mudança levou a quebra do controle nos Andes sobre refino, e as mais de seis mil fundições coloniais foram substituídas por algumas centenas de grandes oficinas controladas pelos espanhóis. Para garantir a oferta de mercúrio, Toledo também organizou e monopolizou a mina de mercúrio em Huancavelica, que desde então se tornou o fornecedor exclusivo de mercúrio para as minas de terras altas. Para lidar com o problema do contrabando e sonegação, Toledo também criou uma casa de moeda real em Potosí e exigiu que toda a prata extraída e refinada na cidade tivesse que ser transformada em barras na casa de moeda real, onde também neste local a Coroa extraía o quinto real sobre a produção e os impostos de cunhagem. Também estabeleceu o código de mineração básico, no qual reiterou reivindicações reais para a propriedade de todos os direitos do subsolo.

Com as reformas de Toledo a produção de prata mais uma vez disparou no final dos anos 1570, atingindo níveis extraordinários entre a década de 1570 e a década de 1650.

But the tremendous economic growth that affected the entire region after the reforms of Toledo also was influential. The first mining boom of the 1540s and 1550s had been spectacular, but it was as nothing compared to the massive growth of silver exports in the great boom of the 1570–1650 period. During this period, Potosí alone produced over half of the silver of the NewWorld. The impact of Potosí on Europe and on its trade with Asia was staggering. (KLEIN, 2011, p. 50)

No quadro abaixo, pode-se visualizar a produção de prata em Charcas do período de 1531 até 1600, em milhões de maravedís.

**Quadro 1 – Produção de prata em Charcas (1531-1600)**

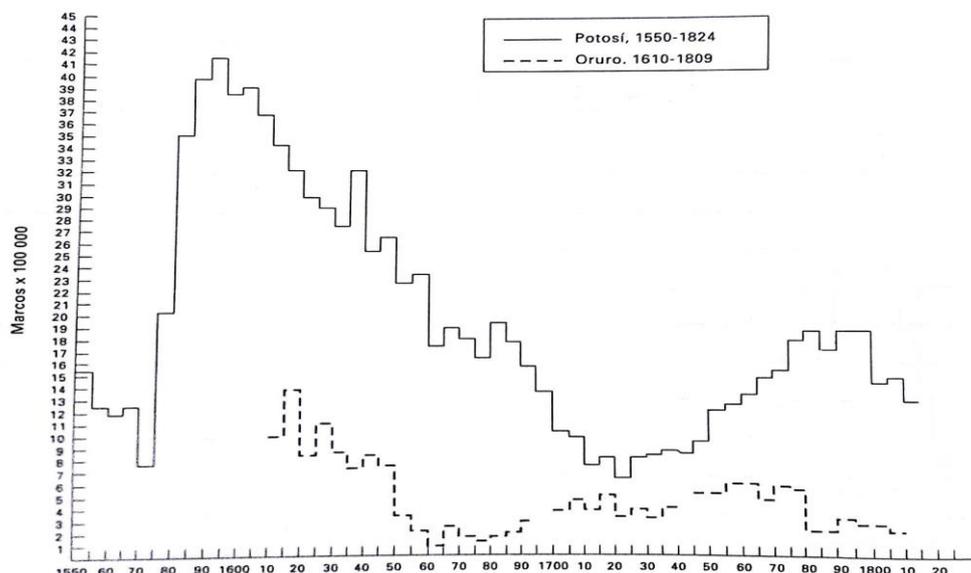
| Período   | Prata (milhões de maravedis) |
|-----------|------------------------------|
| 1531-1535 | 1.016                        |
| 1536-1540 | 371                          |
| 1541-1545 | 235                          |
| 1546-1550 | 4.371                        |
| 1551-1555 | 3.050                        |
| 1556-1557 | 1.439                        |
| 1562-1565 | 2.224                        |
| 1567-1570 | 2.106                        |
| 1571-1575 | 1.748                        |

|           |        |
|-----------|--------|
| 1576-1580 | 7.930  |
| 1581-1585 | 12.218 |
| 1586-1590 | 14.463 |
| 1591-1595 | 14.281 |
| 1596-1600 | 14.024 |

Fonte: MACLEOD, 2008.

Pode-se notar que a produção em Charcas de prata entre 1531 e 1575 ainda era pequena em relação à europeia; “entre 1521 e 1544 as minas de prata nas terras hereditárias dos Habsburgos produziam quase quatro vezes mais que as Índias” (ELLIOTT, 2012, p.318) Essa reversão ocorreu devido a dois elementos: a descoberta e imediata exploração das jazidas de Potosí e a introdução do processo de amalgamação para o refino de prata com mercúrio em Charcas em 1571, gerando enormes aumentos na produção – que podem ser visualizadas no quadro acima a partir de 1576 – e levando a um crescimento drástico da exportação do metal para a Europa. “Da década de 1570 até a terceira década do século XVII Potosí foi provavelmente a mina mais rica do mundo” (MACLEOD, 2012, p.364).

**Figura 4 – Produção quinzenal de prata em Charcas (1550-1824)**



Fonte: MACLEOD, 2008.

Após um período de declínio resultante da exaustão de minérios de fundição, a produção de Potosí cresceu quase seis vezes no período de 1575-1590, alcançando em torno de

1592 ao seu nível mais alto de todos os tempos e de qualquer distrito mineiro em todo o período colonial.

Nos anos 1575-1600, Potosí produziu talvez a metade de toda a prata hispano-americana. Tal profusão de prata não teria vindo à tona sem a concomitante abundância de mercúrio de Huancavelica, que naqueles mesmos anos estava também produzindo como nunca havia feito. Outro estimulante para Potosí foi claramente a mão-de-obra barata e abundante fornecida através da *mita* de Toledo. Todavia, sem a amalgamação, pouca quantidade do minério extraído pelos *mitayos* poderia ter sido refinado com proveito. (BAKEWELL, 2008, p. 141-142)

A cidade de Oruro foi também um dos mais importantes centros mineiros da América espanhola, possuindo inclusive seu próprio escritório do tesouro mais ou menos a partir do momento em que adquiriu importância (1606-1607), tendo sido possivelmente o segundo produtor sul-americano depois do distrito de Potosí no século XVII. (BAKEWELL, 2008, p. 142)

A produção em Potosí começa a entrar em decadência a partir de 1600, num declínio que durou 130 anos, sendo uma das causas a dificuldade de encontrar o mercúrio disponível, principalmente por conta do declínio das minas de Huancavelica por volta de 1595, além de muitos outros fatores relacionados, como o massacre dos povos originários, o aumento nos preços dos alimentos, elevando os custos da alimentação dos mineiros, etc.

No último quartel do século XVII, a região de Charcas tinha deixado de exportar receitas excedentes para a metrópole e não mais era o centro do império do Novo Mundo. Entretanto, uma mudança fundamental no espaço econômico e organização social tanto de Potosí como de Oruro começou a ocorrer após o relativo declínio da região da América profundamente afetado pela crise do século XVII<sup>4</sup>.

No século XVIII, a história da mineração andina é menos conhecida. Não obstante, a década de 1700 assistiu a uma recuperação maior da mineração de prata andina, tendo a produção de Potosí triplicado de 1720 a 1780. As possíveis explicações seriam que tanto

<sup>4</sup> “The collapse of silver production had more to do with the exhaustion of richer and more easily accessible surface and near-surface deposits than it did with the exhaustion of mineral deposits themselves. To get at this next level of silver ore, large capital expenditures would have to be made, and the local mining industry of Upper Peru was incapable of generating that amount of capital. Therefore, it was essential that the Crown provide the financial support necessary to open up deeper shaft mining. The Crown finally recognized this need in the eighteenth century. In 1736, it agreed to lower its tax share from 20 percent to 10 percent of total output, a decision made much earlier in Mexico. Next, it assisted in the creation of a minerals purchasing bank in 1779, the Banco de San Carlos, which had been originally established as a credit institution by the smelters (azogueros) in the late 1740s and had become a semigovernment institution for minerals purchases as well by 1752. The bank’s direct purchase of refined silver eliminated private silver merchants (rescatadores), thus guaranteeing high prices to smelters and miners and, even more important, providing credit for purchasing mine supplies.” (KLEIN, 2011, p. 70)

Potosí quanto Oruro tenham se aproveitado de novas técnicas explosivas, de um crescimento – embora irregular – do suprimento de mercúrio de Huancavelica entre 1700 e 1770, de um crescimento populacional – que influenciou a diminuição dos custos de mão-de-obra –, de uma maior injeção de capital na mineração, resultando numa melhora das explorações (BAKEWELL, 2008, p. 145), assim como de reformas realizadas pela coroa.

The rapid recovery of Upper Peru (...) had a great deal to do with the successful impact of the Bourbon reforms of the economy, which originated in Spain in the middle decades of the eighteenth century. The reforms of the mining economy soon brought a renewed prosperity to Oruro and Potosí production, and a general reform of the commercial structure led to a healthy rivalry between Lima and Buenos Aires for the trade of the Audiencia of Charcas. (KLEIN, 2011, p.79)

Apesar do crescimento importante da economia colonial no período posterior a 1750, ela demonstrou ter sido afetada pela longa crise do século XVII. Provou-se, de fato, extremamente vulnerável a mudanças de curto prazo nas condições de mercado internacionais, que por sua vez mostrou que a economia mineira teve relativamente pouca capacidade de reserva para enfrentar crises comerciais temporárias ou um enfraquecimento do apoio governamental.

Em suma, após a análise da economia mineira no período colonial boliviano, constata-se que a conquista, a exploração, a colonização da América espanhola foram estimuladas pela perspectiva da mineração. Visualiza-se que o metalismo e o extrativismo impulsionaram a formação dos aparatos administrativos e econômicos andinos, a exploração de indígenas – violência, repressão e integração -, assim como a necessidade para o capital, pós-independência, do mantimento e da regulação do Estado à categoria da dependência.

### *3.4 Sociedade*

A América espanhola colonial em geral começou com uma sociedade de conquista, no qual a primeira prioridade dos invasores foi extrair dos conquistados riqueza ou capital. Desta maneira, a escravidão foi em quase toda a parte o primeiro sistema de trabalho, apesar da posterior posição contrária da coroa a esse tipo de trabalho.

The creation of an effective mine labor force was something new, and in Peru a whole new set of institutions was developed to extract Indian labor for the mines. Here the Spaniards tried everything from slavery to wage labor and finally settled on a system of corvee labor that was rotated among a large number of Indian towns. (KLEIN, 2011, p. 35)

A colonização foi, em grande parte, um trabalho de “urbanização”, uma estratégia de povoamento nuclear para a apropriação de recursos e a implantação de jurisdição. Constatase que o crescimento mais constante ocorria nos centros burocráticos maiores, dotados de serviços, manufaturas e recursos culturais, como as vilas de mineração de Potosí e Oruro. No século XVI, logo, as atividades econômicas tendiam a ter um impacto regional ou voltado para o projeto mercantilista espanhol. (MORSE, 2008, p. 69-70)

Uma característica central do sistema urbano imposto à colonização do vice-reino do Peru foi que, embora os espanhóis tivessem ocupado Cuzco, a capital dos incas, sua própria capital se localizou em Lima, no litoral. Concomitantemente, o surto das minas de Potosí levou àquela cidade uma população muito elevada.

Por volta de 1557, doze anos após a descoberta da prata, contavam-se 12 mil espanhóis; em 1572, a população aumentara para 120 mil pessoas de todas as raças, e em 1610, às vésperas do declínio, já contavam 160 mil, número que, se for correto, transformou Potosí na maior cidade do hemisfério. (MORSE, 2008, p. 77)

Como afirma Klein (2011, p. 51), o próprio auge da economia mineira de Potosí reverberou em atividades econômicas nas cidades vizinhas: “Potosí’s growth from a settlement of a few hundred Spaniards and their Indian laborers to a population estimated at between 100,000 and 150,000 by the early seventeenth century had a profound impact on the growth and settlement of other highland regions.”

Entretanto, as cidades eram sustentáculos da ordem política espanhola, e não centros conspícuos de ideologia inovadora e mudança institucional – fato este que ajuda a pensar o porquê da qualidade difusa dos protestos da classe baixa nos últimos anos do período colonial e a descentralização de estruturas políticas depois da independência. Ainda assim, subsistemas semi-autônomos ganharam corpo, algumas vezes suficientemente fortes para desafiar a prescrição imperial, no qual seu poder derivava de seu êxito na reprodução regional do desígnio da metrópole espanhola. (MORSE, 2008, p. 90)

A mineração apoiava-se no trabalho indígena na América colonial. Os espanhóis do continente viviam do capital excedente extraído da sociedade indígena por meio da *encomienda*<sup>5</sup> – arranjo contratual pelo qual os índios eram confiados ao cuidado temporal e em certa medida espiritual de um espanhol em troca de seu trabalho e parte das mercadorias excedentes – e do tributo – ou capitação indígena, que estava intimamente ligado à *encomienda*, no qual era pago devido a sua situação de vassalagem e subjugação, recolhido e

<sup>5</sup> Encomienda: instituição que autorizava colonos a explorar a mão de obra de comunidades indígenas. (RAMOS, 2012, p. 100)

passado aos *encomenderos* ou para a coroa. (MACLEOD, 2012, p.361) Este sistema, em si, começou a enfraquecer na medida em que a legislação real aumentou, a população de espanhóis cresceu e a população de indígenas declinou.

No que se refere à mão-de-obra em Charcas, as minas de prata de Potosí estavam estreitamente ligadas aos recrutamentos rotacionais de mão-de-obra indígena (*repartimientos* ou *mitas*), organizada no final da década de 1570. Ou seja, havia modos de produção neste local que diferiam do capitalista. Porém, diferentemente do caso dos povos originários brasileiros, que foram massacrados e afugentados continente adentro, os andinos foram incorporados na colônia como mão de obra essencial. Implicando na incorporação, também, de elementos de sua forma de produção à dinâmica de extração do valor.

O *repartimiento*<sup>6</sup> (que na língua quíchua quer dizer rodízio) de mão-de-obra “era um recrutamento remunerado, no qual uma determinada percentagem da população indígena sadia, do sexo masculino, era obrigada a viajar para longe de casa e trabalhar em projetos específicos ou em locais designados.” (MACLEOD, 2008, p.226) Os próprios índios da *encomienda* que eram encaminhados de Charcas para Potosí denominavam sua permanência nas minas com o nome de *mita* – um período fixo de seis ou doze meses, após os quais eram substituídos por outro grupo e retornavam para casa – numa associação deste trabalho para os espanhóis à *mita* imposta anteriormente pelos incas, um recrutamento para vários tipos de trabalho, inclusive mineração. (BAKEWELL, 2008, p. 119)

Assim, o *repartimiento* do trabalho na mineração era um dos mais bárbaros de todos, passando a ser essencial nas grandes minas de Potosí quando introduzido o uso do processo de pátio para refino de prata. O maior, mais organizado, mais famoso e mais infame de todos os recrutamentos para a mineração foi a própria *mita* de Potosí, que são atribuídas à responsabilidade pessoal do vice-rei peruano que criou o sistema, Toledo, que, agindo sob instruções reais gerais para obrigar os índios a trabalhar na mineração, no final de 1572 começou a organizar a *mita*, instruindo os chefes (*curacas*) das vilas do alto dos Andes a enviar homens robustos à Potosí, consistindo num dos mais significativos deslocamentos de comunidades indígenas, uma vez que foi este o maior de todos os recrutamentos forçados de mão-de-obra para a mineração. (MACLEOD, 2008)

A área designada afinal para fornecer trabalhadores era enorme, estendendo-se desde cerca de 1.300 km de Cuzco ao norte até Tarija no sul e a um máximo de 400 km de um lado ao outros dos Andes; (...) Das dezesseis províncias que

<sup>6</sup> *Repartimiento*: sistema de trabalho semiforçado imposto pelos espanhóis em diversos lugares da América, do fim do século XVI até o princípio do XIX. Às vezes se confunde com a *encomienda*. (RAMOS, 2012, p. 102)

contribuíram, cerca de 14 por cento (um sétimo) da população que pagava tributo (os homens entre 18 e 50 anos) deveriam dirigir-se todos os anos para Potosí, onde permaneciam por um ano. Segundo o censo realizado por Toledo, isto proporcionaria mão-de-obra suficiente para Potosí: cerca de 13.500 homens por ano. Esse número representava a *mita gruesa*, que, instalada em Potosí, se dividia em três partes, cada uma denominada *mita ordinaria*, que trabalhava em rodízio, uma semana sim e duas não. Assim, em qualquer momento, cerca de 4.500 trabalhadores de *mita (mitayos)* estavam em atividade no recrutamento” (BAKEWELL, 2008, p. 120)

Frequentemente os homens voltavam doentes para suas aldeias, quando nem mesmo retornavam. No setor da Bolívia atual, os índios que pagavam impostos sofreram um decréscimo de 57 por cento; contando-se os índios migrantes, a população do sexo masculino adulta declinou em 22 por cento, e o conjunto da população, incluindo mulheres, crianças e idosos, 42 por cento. A própria presença de migrantes não compensou totalmente esses recuos demográficos, além de distorcer a estrutura demográfica no tocante ao sexo e à idade. (SÁNCHEZ-ALBORNOZ, 2008, p.27)

(...) o colapso populacional pode ser explicado pela violência que os conquistadores infligiram à população nativa. Essa alegação resume numa única tese vários conjuntos de fatos, que se estendem de intervenções puramente bélicas e seu corolário usual – o confisco de alimento, a pilhagem, o estupro etc. – a outras ocorrências de caráter muito mais econômico – a exação pública ou privada de tributo, a escravização e a cruel exploração da força de trabalho em empresas agrícolas e de mineração (SÁNCHEZ-ALBORNOZ, 2008, p.28)

É notável que o trabalho das minas causou a morte de milhares de índios; entretanto, deve-se frisar que na época em que as minas entraram em funcionamento em larga escala e necessitavam de mão-de-obra abundante, a população nativa já havia se reduzido pela metade. Ou seja, “a mineração em larga escala agravou o declínio da população; não o causou.” (SÁNCHEZ-ALBORNOZ, 2008, p.30)

Outro fator importante para o descenso populacional foram as epidemias, doenças como a varíola, malária, sarampo, tifo e gripe que foram transferidas para o Novo Mundo desde o começo da colonização para uma população nativa que não possuía nenhum tipo de imunidade contra essas enfermidades.

A partir do século XVIII nos Andes centrais houve uma recuperação da população índia a partir do ponto mais baixo de seu declínio, embora o processo fosse lento e frequentemente interrompido por novas epidemias; da mesma forma, a migração de europeus e a mestiçagem foram outros fatores que colaboraram para a reversão do decréscimo populacional nos séculos posteriores ao início da colonização. “Quanto mais avançava o

século XVIII, tanto maior era o crescimento demográfico. (...) Indícios parciais, e por vezes contraditórios, sugerem que em geral houve também uma moderada recuperação demográfica nos Andes centrais” (SÁNCHEZ-ALBORNOZ, 2008, p.49)

Próximo ao final do período colonial, a população da América espanhola constituía-se de um mosaico de povos. Os índios, o tronco principal da estrutura populacional, constituíam cerca de 45 por cento da população. Havia desaparecido completamente de algumas regiões e sobrevivido apenas como vestígios no sangue dos mestiços ou *zambos*. (SÁNCHEZ-ALBORNOZ, 2008, p54) Os conquistadores e migrantes espanhóis permaneceram minoritários, não alcançando nem um quinto da população. Os mestiços constituíam pouco menos de um terço. Os negros apenas 4 por cento.

Ainda assim, criou-se uma série limitada de oportunidades econômicas para alguns setores da classe *criolla*, no qual o cargo de juiz de *repartimiento*, apesar de não desfrutar de muito prestígio, criava oportunidades para o acúmulo de dinheiro e de bens. O próprio tributo a partir de seu modo de imposição, determinação e cobrança engendrou uma nivelção geral da estrutura social dos índios, suscitando alguma diferenciação social, tal como o sistema de recrutamento da *mita* havia realizado.

A mineração realizou, portanto, conseqüências sociais profundas, como:

[...] a mobilidade, seja ascendente ou descendente, a que os proprietários de minas estavam sujeitos; a destruição das comunidades índias e o deslocamento do seu povo para regiões distantes; a freqüente aculturação desses povos em vilas mineiras essencialmente espanholas aos costumes dos colonizadores. (BAKEWELL, 2008, p. 149)

A Igreja também possuiu um papel essencial na consolidação da sociedade e da economia colonial espanhola e, conseqüentemente, boliviana. Para Barnadas (2012, p.522-523) “à Igreja na América fora confiada uma missão prática: apressar a submissão e a europeização dos índios e pregar a lealdade à coroa de Castela”

No plano local, as paróquias eram a base de organização da Igreja assumindo a tarefa pastoral de transplantar e proteger a Verdadeira Fé na comunidade espanhola, seja através do estabelecimento de unidades evangélicas pelos missionários – as chamadas *doctrinas*, responsáveis pela tarefa de civilização e proselitismo dos nativos, organizando a vida social dos *conversos* – ou pela fundação do clero secular de paróquias para os espanhóis.

Uma vez que o chamado dos missionários para às Américas era realizado pelas autoridades competentes, as passagens transatlânticas e os custos de manutenção pagos pela coroa, os novos missionários eram incorporados à grande máquina político-elesiástica:

haviam-se tornado novos missionários sob o patrocínio de Castela (BARNADAS, 2012, p.533) e, com isso, as ações realizadas na América deveriam ser alinhadas com os interesses da coroa.

Após a epidemia de 1545-1548, as ordenações reais prescreveram explicitamente que os nativos fossem congregados em *pueblos* de estilo europeu perto das casas religiosas. Os padres eram os agentes mais bem-sucedidos da hispanização e da cristianização, realizadas por meio da criação de novas cidades, fusão de centros existentes ou congregação de populações dispersas.

O processo de consolidação das instituições eclesiásticas coloniais no século XVII constituiu-se a partir das propriedades patrimoniais das ordens religiosas e das paróquias seculares, nas formas de dinheiro e terras, originadas de legados dos colonos mortos em troca de serviços espirituais. Se o legado fosse em dinheiro, o legatário o investia em *censos*, a forma mais usual de crédito na época; se o legado fosse em propriedade, o legatário a utilizaria diretamente, ou a arrendaria a terceiros, como ocorreu no caso de muitas *haciendas*, propriedades urbanas e minas. (BARNADAS, 2012, p.542) Além disso, a Igreja arrecadava dízimos dos brancos, mestiços e até mesmo dos índios, que constituíam uma forma de taxaço para manter as folhas de pagamentos do bispado e da paróquia, onde as somas recolhidas variavam de acordo com a densidade demográfica e o grau de prosperidade econômica. (BARNADAS, 2012, p.543) Assim, a própria Igreja exercia poderio financeiro e econômico na economia colonial, onde seus patrimônios quase sempre aumentavam e raramente diminuía.

Portanto, a Igreja no período tinha as funções de legitimar o sistema colonial a partir da dependência e subordinação à coroa, exercer poderio econômico e financeiro, domesticar e evangelizar os nativos e transplantar os interesses da coroa para o novo mundo<sup>7</sup>. Assim, uma análise da formação do sistema colonial boliviano não pode desconsiderar o papel preponderante da Igreja no que tange a própria acumulação primitiva de capital, uma vez que a sua presença na região influenciou de forma significativa tanto a economia quanto a sociedade nativa, *criolla* e espanhola.

Sumariamente, Ramos (2012, p.97) descreve a configuração da sociedade colonial, afirmando que:

<sup>7</sup> Como afirma Elliott (2012, p.300), “a prata das Índias, que a coroa tinha o propósito de explorar ao máximo a fim de aumentar suas rendas, era considerada como uma dádiva de Deus, que daria aos reis de Castela a oportunidade de cumprir suas obrigações em toda a terra bem como manter e propagar a fé. O império era, pois, legitimado por seu propósito; e o império nas Índias era considerado um encargo sagrado.”

[...] durante trezentos anos, acontecerá um lento processo de fusão entre os espanhóis na América e os sobreviventes das populações autóctones. A fusão gerará o mestiço, que será, por sua vez, discriminado dos postos fundamentais da vida política colonial, constituindo-se num cidadão de terceira categoria. A onda imigratória posterior à conquista, passado o período de ferro, desfrutará dos resultados do assalto. Os novos espanhóis serão encomendeiros, proprietários de gigantescas fazendas, funcionários reais, ouvidores, cabildantes, chefes militares. Abaixo, além da sociedade espanhola do vice-reinado, que se enriquecia longe da Espanha, e dos crioulos ou americanos espanhóis inseridos profundamente na estrutura econômica, vegeta um mundo petrificado de índios mansos, raças vencidas, transformados em mineiros servos, trabalhadores, lavradores presos ao domínio senhorial, capatazes de plantação ou cúmplices dos amos no tráfico de escravos. No melhor dos casos, o membro das “castas” será artesão, doméstico, trabalhador dos serviços e transportes, domador, boiadeiro, peão de fazenda.

## Conclusão

Pode-se verificar ao longo do presente artigo que a extração da prata boliviana como fonte de acumulação primitiva de capital modificou os rumos não somente da Europa e do capitalismo nascente, mas também da estrutura econômica colonial boliviana, delineando suas características políticas, econômicas e sociais ao longo de mais de três séculos.

Assim, a relação convergente entre de um lado a acumulação primitiva e de outro a estruturação da economia colonial boliviana somente pode ser compreendida a partir do axioma do capitalismo colonial, que consistiria num regime econômico espanhol do período colonial, no qual a Bolívia ingressou no capitalismo comercial inaugurado na Europa e contribuiu para dar a este ciclo maior vigor, tornando possível a iniciação do capitalismo industrial anos mais tarde.

Os recursos naturais andinos foram peças-chave na acumulação primitiva de capitais que viria a possibilitar o desenvolvimento e a Revolução Industrial na Europa através da acumulação primitiva de capital. A mineração da prata consistia no elemento mais importante das colônias espanholas dos séculos XVI e XVII a ponto dos metais dos novos domínios coloniais estimularem, em certa medida, o desenvolvimento europeu.

Assim, tem-se uma relação dialética: a América desempenhou um papel relevante na gênese da economia capitalista mundial – principalmente com sua produção de metais preciosos nos séculos XVI e XVII, no qual se desenvolve em estreita consonância com a dinâmica do capitalismo internacional – assim como a acumulação primitiva de capital organizou a política, sociedade e economia colonial boliviana.

Logo, a partir do século XVI há a formação de um “sistema mundial” no qual a “Espanha se converteu, a partir do século XVII, no intermediário decadente entre o Novo

Mundo e o capitalismo pujante da Grã-Bretanha, que absorvia, industrializava e distribuía grande parte das riquezas latino-americanas” (RAMOS, 2012, p. 108), onde o capital comercial se destinava em grande medida para o processo de acumulação primitiva do capitalismo europeu, em particular do capitalismo inglês; em menor medida, ficava nas mãos dos proprietários senhoriais, espanhóis ou americanos.

Como conclusão, é importante notar que esse trabalho se justifica por se correlacionar com o próprio contexto atual de extrativismo na Bolívia e em outros países da região, cuja composição do capital extrativista minerador nos Andes ainda possui um poder estrutural altamente relevante. Como exemplo, a exploração do lítio por Argentina, Bolívia e Chile vem obtendo cada vez mais relevância dada sua funcionalidade na indústria de baterias recarregáveis, fundamental para a nova etapa de acumulação capitalista e para a reprodução de seu modo de produção. Logo, este processo não está confinado historicamente à colônia, ganhando novos aspectos e interesses que tornam a retomada desta história de interesse geral à América Latina contemporânea.

## Referências

BAKEWELL, P. **A mineração na América espanhola colonial**. IN: História da América Latina: América Latina colonial, volume II. Org.: Leslie Bethell. 1ª edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

BARNADAS, J. M. **A igreja católica na América espanhola colonial**. IN: História da América Latina: América Latina colonial, volume 1. Org.: Leslie Bethell. 3ª edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

DOBB, Maurice. **A Evolução do Capitalismo**. 5ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

ELLIOTT, J.H. **A Espanha e a América nos séculos XVI e XVII**. IN: História da América Latina: América Latina colonial, volume 1. Org.: Leslie Bethell. 3ª edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

KLEIN, Herbert S. **A concise history of Bolivia**. 2<sup>nd</sup> edition, New York, NY: Cambridge University Press, 2011.

MACLEOD, M.J. **A Espanha e a América: o comércio Atlântico, 1492-1720**. IN: História da América Latina: América Latina colonial, volume 1. Org.: Leslie Bethell. 3ª edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

\_\_\_\_\_. **Aspectos da economia interna da América espanhola colonial: mão-de-obra, tributação, distribuição e troca**. IN: História da América Latina: América Latina colonial, volume II. Org.: Leslie Bethell. 1ª edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

MARX, Karl – **O capital: crítica da economia política: livro I**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, 26ª edição.

MORSE, R.M. **O desenvolvimento urbano da América espanhola colonial**. IN: História da América Latina: América Latina colonial, volume II. Org.: Leslie Bethell. 1ª edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

RAMOS, Jorge Abelardo. **História da nação latino-americana**. 2ª edição, Florianópolis: Insular, 2012.

SÁNCHEZ-ALBORNOZ, N. **A população da América espanhola**. IN: História da América Latina: América Latina colonial, volume II. Org.: Leslie Bethell. 1ª edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.